



PRESENTE PARA O HEROE—(Cliché Benoiel).

N.º 337 Lisboa, 5 de Agosto de 1912

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4800—Semestre, 23400—Trimestre, 13300

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Diretor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Com-
posição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43

Para desenvolver e endurecer os seios nada ha melhor do que as Pilules Orientales

E' o que se depreende dos factos e do infinito numero de cartas, entre outras a que abaixo se transcreve, escripta pela Sr. L.

«A sua alegria é imensa. Tinha muito pouco peito, desesperrava-se por ver decorrer os melhores anos da sua juventude e ter um busto liso, uma garganta de ossos. Por fim toma as Pilules Orientales e quinze dias depois escreve:

«Ha sómente quinze dias que como as Pilules Orientales e noto já com satisfação um resultado que em verdade.—Assim, madame H. L., rua Gondart, Marselha.»

Este resultado não é para surpreender. Está costumeado, de ha mu to tempo, a receber grande numero de cartas semelhantes, tal como a que segue, trasbordando de satisfação e reconhecimento.

«Tenho a dizer-lhe que as suas Pilules Orientales produziram grande bem á moça, pois ella tem agora o peito muito desenvolvido e um aspecto encantador; e, para lhe dar a prova d'isso, dir-lhe-hei que, antes de a tomar, ella pesava 102 libras e agora pesa 105; augmentou estas tres libras desde que tomou as suas Pilulas e encontra-se de perfeita saude. Falei d'ellas a outras pessoas, a quem nada tem feito augmentar o peito nem dadas forças, e ás quaes lhe dei o seu endereço, porque m'o pediram. Assignado, Madame T. . . ., rua Portepoivine, Loches.»

Por discreção profissional calo os nomes, de accordo com o desejo expresso pelas pessoas que as escreveram; mas as cartas estão aqui e fazem fé.

Assim, pois, as Pilules Orientales desenvolvem o peito e fertilizam a saude.

Além d'isso dão ao rosto essa frescura de tez que faz dizer a Madame T. . . que tem um aspeto encantador.»

Tambem desfazem esses concavos tão feios produzidos pelas saliências osseas n'um peito demasiado delgado. Da d'isto testemunho a carta seguinte:

«Meu caro senhor: As Pilules Orientales fazem-me muito bem. Graças a ellas vejo com gosto que as cavidades que me rodeavam a garganta se vão enchendo pouco a pouco. Não desespere já agora de encontrar o que ha anos tinha perdido.—Louise M.,—, rua Franklin, Passy.»

Termido estas referencias com est'outra, cujo entusiasmo não é menor que os manifestados nas anteriores.

«Meu caro senhor: Flada na fé dos seus anuncios fiz uso do seu reconstituinte dos seios, e apresento-lhe o testemunho

da minha satisfação, pois adquiri já o peito perfeito que desejava. E' surprehendente e, não obstante, exacto, o resultado.—Sou muito afeituosa. Emilia H.,—, Roubaix (Norte).»

As Pilules Orientales produzem todos os dias innumeráveis resultados analogos, porque as senhoras e as jovens que todos os dias recorrem a estas maravilhosas Pilulas para desenvolver e endurecer os seios ou reconstituil-os, não tem já conta.

Um formoso peito, harmoniosamente desenvolvido, é, com effeito, um dos maiores atractivos que tem a mulher. Afóra isto, é indicio geral de uma saude florescente, e as preferencias instinctivas ou racionais dirigem-se sempre para aquellas a quem a natureza favoreceu com este dom.

Aquella huc se entristece de não ser d'este numero, e lembra ás Pilules Orientales; em algumas semanas verá como os seus seios se desenvolvem e endurecem, as protuberancias osseas desaparecem e as cavidades enchem-se; o corpo do seu vestido nada terá que invejar ás das suas companheiras mais favorecidas pela natureza, muitas das quaes devem o seu orgulho, busto nada mais que ás Pilules Orientales.

Não temais de modo algum que estas Pilulas possam apresentar o menor perigo. Ha mais de 30 anos milhares de damas e de meninas as estão usando e nunca ellas deram logar á mais leve censura. Por outro lado os facultativos prescrevem-nas com gosto e numerosas cartas de medicos dão testemunho da sua acção benéfica e ao mesmo tempo da sua efficaçia.

Tudo isto consagra a reputação das Pilules Orientales e coloca-as acima de toda a comparação possivel com outro qualquer produto ou tratamento similár.

Assim, pois, seja o caso que fór, trate-se de afirmar, de reconstituir ou de desenvolver, não vacille aquella que d'isso carece em recorrer ao unico meio que se lhe oferece de obter o que deseja.

Enviarei gratis a quem o sollicite, a todas aquellas que poderiam ainda duvidar, um elegante livrinho que encerra interessantes pormenores e provas irrefutaveis da maravilhosa efficaçia das Pilules Orientales. Esse mesmo livrinho se adicionará a cada frasco de Pilulas expeditas diretamente, se assim o desejar.

J. Ratié, Farmaceutico.—5, Passage Verdeau, Paris. Frasco com instruções 18500 réis. franco de porte remetidos em vale de correio a J. P. Bastos E C.ª, 30, rua Augusta—Lisboa.



Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

riaiana e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermão (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de set. milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações e especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princesa, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telephónico: **Lisboa, 605 — Porto, 117**

CAPITAL	
Acções	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação	266.400\$000
Réis	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianes pormenores e provas irrefutaveis da maravilhosa efficaçia das Pilules Orientales. Esse mesmo livrinho se adicionará a cada frasco de Pilulas expeditas diretamente, se assim o desejar.

Comprem Taffetas Suisso

Peçam as amostras das nossas novidades em preto, branco ou em cor: Taffetas, Changants, Façonés, Crêpe de Chine, Duchesse, Ecossais, Etoileme, Mouseline de 120 cm. de largura, desde Prec. 1.25 o metro, Veludos e Peluches para vestidos e biasas bem como os vestidos e biasas bordados com batiste, lá, tela e seda com verdadeiro Bordado Suisso. Enviavmos as nossas sedas directamente aos particulaes, franco de porte no domicilio.

Schweizer & C.ª, Lucerno B.I.I. (Suissa)
 Typographia de Sotter. — Formadores da Gorta.

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Composição e Impressão

ZINCOGRAVURA E PHOTOGRAVURA.—Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobrado ou nickelaço. Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo — o de trichromia.

PARA JORNAES com tramas especiaes para este genero de trabalhos, STEREOTYPIA de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Officinas da **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA**, Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Ultimos ecos da incursão

O combate de Chaves foi sem duvida uma grande vitoria para as forças republicanas que no reduzido numero de 170 homens começaram por aguentar o fogo de 800 realistas. Com uma inaudita coragem, uma soberba valentia, por detraz do cemiterio de Chaves primeiro, depois até ao espaldão da carreira de tiro, d'onde desalojaram os monarchicos, valorosamente os civis e os militares, um punhado de



homens cujos chefes estavam feridos, aguentaram o fogo e lhe responderam desde as 8 da manhã ás 15 da tarde, que foi quando chegaram as forças republicanas de Sapão, demoradas na expectativa de se dirigirem a Montalegre, para onde se dizia ter Paiva Couceiro enveredado. Pelo flanco o capitão Maia Magalhães, apesar de ferido, alvejou o inimigo, que dentro em pouco começou a debandar em má



1—A identificação d'um realista: Artur Urbano Duarte morto no combate do dia 8 de Julho em Chaves. retrato tirado em Tuy pouco antes da incursão. 2—O realista Artur Urbano Duarte morto.



3—Grupo dos emigrados portugueses chegados a Madrid depois da derrota sendo internados por ordem do governo hespanhol estando assinalados os sargentos Pereira e Manuel Amorim (XX)

ordem sob as balas das metralhadoras republicanas e fugindo até à raia, onde constatou ter perdido mais de cem homens, indo muitos feridos e contando-se n'aquelle numero os prisioneiros, entre os quaes estava



o celebre D. João d'Almeida.

No campo ficaram tambem armas com a marca das fabricas de Toledo, cartuchame e munições de artilharia, peças, bandeiras e bagagens com documentos importantes.



3—O cemiterio de Chaves d'onde os republicanos iniciaram o seu fogo contra os realistas.



4—O espaldão da carreira de tiro em Chaves, posição tomada pelos republicanos aos realistas no primeiro encontro.

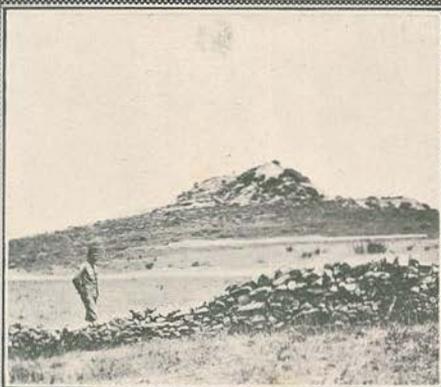


1—Os campos de Chaves onde se travaram as batalhas entre republicanos e realistas. 2—O sr. dr. Antonio Granjo, deputado por Chaves, que se bateu com o grupo civil contra os realistas em 8 de Julho. 3—Coronel sr. Antonio José Antunes, que presidiu ao tribunal marcial de Chaves, onde foi julgado D. João d'Almeida. 4—Os montes vizinhos de Cabeceiras de Basto onde andaram foragidos os padres Domingos e os seus guerrilheiros que assassinaram o administrador de Cabeceiras, sr. Mendonça Barreto. (Clíchés de Benolle)



1—Fernando Cardoso d'Albuquerque, ex-official de artilharia. 2—João d'Azevedo Lobo, ex-capitão de cavalaria que fugiu d'Almeida com um sargento. 3—Vitor Alberto Ribeiro de Menezes, ex-tenente de cavalaria. 4—Manuel Valente, ex-tenente d'infantaria, autor do denado no tribunal das Trinas e depois absolvido na Relação. 5—Ex-Marquez de Lavradio, secretario do ex-rei e que se encontrava em Verin quando da incursão. 6—João de Azevedo Coutinho, que foi ministro da marinha e considerado como comandante dos navios que os realistas tentavam adquirir. 7—Ex-conde de Penela, ex-capitão de artilharia. 8—Artur Maria Sobral de Carvalho Figueira, ex-tenente do estado-maior de infantaria. 9—Antonio Luiz Remedios da Fonseca, ex-capitão de infantaria. 10—Francisco Antonio da Cruz Amante medico e um dos mais cotados chefes realistas. 11—Antonio da Cruz Amante medico e um dos mais cotados chefes realistas. 12—Francisco Antonio da Cruz Amante medico e um dos mais cotados chefes realistas. 13—Capitão de infantaria Martins de Lima. 14—Eurico Satrio Pires, ex-tenente da companhia de metralhadoras de caçadores.

11—Antonio da Cruz Amante medico e um dos mais cotados chefes realistas. 12—Francisco Antonio da Cruz Amante medico e um dos mais cotados chefes realistas. 13—Capitão de infantaria Martins de Lima. 14—Eurico Satrio Pires, ex-tenente da companhia de metralhadoras de caçadores.



1—Adolfo Rodrigues da Silva, aluno de direito, conspirador preso em Ciudad Rodrigo. 2—Em Cabeceiras de Basto: A fachada da casa do padre Domingos depois de destruída. 3—O interior da casa que foi destruída. 4—Acácio Pessoa da Costa, antigo estudante de filosofia da Universidade, que foi ajudante do quartel general realista. 5—Em Chaves: As pedras indicam o 2.º posto que ocuparam os republicanos no combate. 6—As pedras indicam a 2.ª etapa dos republicanos contra o espaldão da carreira que se vê no alto. (Clichés de Benoitel)



Os sargentos da guarnição de Penamacôr em serviço de vigilância na fronteira.

**O FUNERAL EM AVEIRO DE MENDONÇA BARRETO
ADMINISTRADOR DE CABECEIRAS FUZILADO PELA GUERRILHA
DO PADRE DOMINGOS**



O funeral do administrador de Cabeceiras de Basto, assassinado pela guerrilha do padre Domingos,

para onde o cadaver do funcionario republicano foi conduzido,



nado pela guerrilha do padre Domingos, constituiu em Aveiro,



uma sentida e veemente manifestação de profunda saudade.



1—O feretro á saída da estação. 2—O padre Domingos Pereira, chefe da guerrilha realista que fuzilou o administrador de Cabeceiras de Basto. 3—O feretro á passagem da rua José Estevão. 4—Sr. Mendonça Barreto, o administrador fuzilado. 5—No cemitério de Aveiro: Os discursos junto ao monumento dos Mártires da Liberdade.—(Clichés de



1—Paços do concelho de Celorico de Basto. O sinal \diamond indica o sitio onde se achava o administrador sr. dr. Antonio Rodrigues Saigado, acompanhado do professor oficial Augusto Ramôa, unica pessoa que com ele se achava, quando, já debaixo de prisão e em caminho da cadeia, os concelhistas do largo da vila lhe apontaram as carabimas, descarregando depois para

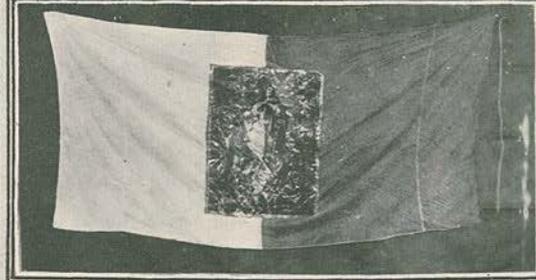
o ar, por se lhe ter posto na frente o dr. Antonio da silveira de Sousa e Menezes, nomeado administrador pelos monarchicos.



Dr. Antonio Rodrigues Saigado, administrador de Celorico e que ficou no casa da camara diante da revolta da população

2— A braçadeira usada pelos artilheiros realistas

4— A bandeira arvorada nos paços do concelho de Celorico de Basto pelos concelhistas, no dia em que alli implantaram a monarchia, 6 de julho, ás 10 horas e 15 minutos, tendo d'um lado as antigas armas e do outro uma grande estampa da Imaculada Conceição. Foram por esta occasião levantados, pelos manifestantes, muitos vivas á Santa Religião, a D. Manuel e a Paiva Louceiro e morras á Republica e á Maçonaria



(1 e 4—Clichês do amator sr. Carlos Dâ Mesquita e enviadas pelo correspondente do «Seculo» e da «Ilustração» sr. Manuel Fernandes da Costa Marinho)



1—O alferes Carlos Alberto Sacadura Ferreira, que foi com a coluna mixta de infantaria 16. 2—D. Julian Iglesias de quem se occupou largamente a imprensa acerca dos casos dos realistas portuguezes depois dos artigos do «Duende de la Colegiata». 3—O deputado radical hespanhol D. Rodrigo Soriano percorrendo, com os srs. Rubio e Botelho de Souza, as linhas portuguezas durante a luta entre os republicanos e os realistas de Chaves e Valença; Rodrigo Soriano pergunta o caminho que tomaram as forças de Couceiro 4—Casa do padre Manuel, na Rapozeira, que foi incendiada e desligada d'outra que custou a salvar



1—O Gremio Republicano de Celorico de Basto d'onde foi apeada do mastro a bandeira pelos realistas. 2—O cabo artilheiro realista que foi o ultimo a abandonar a peca tomada pelas tropas republicanas de Chaves. 3—O professor oficial de Celorico de Basto, Augusto Ramôa, preso pelos conceiristas em 6 de julho com o administrador dr. Salgado. Estavam na administração do concelho, quando a vila foi tomada pelos realistas. 4—A porta do escritorio do Registo Civil, nos baixos da casa do administrador, quebrada a golpes de machado pelos conceiristas. 5—A outra face da bandeira realista içada nos paços do concelho de Celorico e que tinha do lado oposto a senhora da Conceição.

FOTOGRAFIAS ENCONTRADAS NOS DESPOJOS DOS INVASORES



1—Julio Ornelas de Vasconcelos, antigo picador do exercito portuguez, morto em Chaves quando acompanhava o incursor.
 2—Julio Ornelas de Vasconcelos fardado de picador do exercito. 3—Carlos Martins de Carvalho, fardado de oficial da marinha de guerra. 4—Carlos Martins de Carvalho, arvorado em chefe de uma força do exercito invasor. 5 e 6—Fotografias achadas no campo. 7—Um grupo de soldados de Paiva Conceiro.



1—Outro conspirador. 2—Um dos padres do exercito couceirista. 3—Francisco Maximiano Moreira, conspirador das hostes de Couceiro. 4 e 5—Dois retratos do mesmo realista achados no campo de Chaves. 6—Um dos policiaes de Lisboa alistados nas hostes de Paiva Couceiro. 7—Outro conspirador. 8—O conspirador José Brandão.

Les Salons de 1919



GARDET
"Le Tigre vainqueur de l'Homme"

AUX Salons de 1914, il y avait plus de cinq mille toiles.

On en compte cette année quatre fois moins, et cependant, à parcourir toutes les salles de cette exposition, une sensation de lassitude et d'ennui s'empare de vous.

Il y a encore trop de peintures, trop de dessins, trop d'aquarelles. Tous ces tableaux se nuisent les uns aux autres.

Il faudrait trouver un mode de présentation nouveau, moins froid, moins banal, moins artificiel.

J'aimerais que des meubles et des objets d'art décoratif fussent exposés en même temps, que l'on eût la sensation que les tableaux ne sont plus accrochés là comme des objets quelconques dans une vitrine, mais qu'ils vivent dans une atmosphère intime, dans la douceur d'un appartement, dans une ambiance appropriée.

Et, surtout, il faudrait renoncer à ces vastes expositions qui sont de vraies foires aux tableaux, d'où l'on sort l'œil fatigué, blessé, et la tête lourde de migraine,

pour les remplacer par des manifestations restreintes, harmonieusement présentées.

Exposer un millier de tableaux à la fois, cela me paraît une idée aussi saugrenue que celle de condamner un auditoire à écouter une dizaine de grandes symphonies et une cinquantaine de sonates, réveries, messes et cantates, dans un concert qui durerait vingt-quatre heures.

Après le grand bouleversement qui a secoué le monde jusque dans ses fondements pendant près de cinq années, on aurait pu croire que des tendances nouvelles se manifest-



J. CAVE
"Plaisir des champs"



MARONIEZ
"Travail de nuit"



LENOIR
"Victoire!"



G. de COOL
"les Romaeux"

raient en art, qu'un air neuf se respirerait dans les salles du Salon.

Il n'en est rien. La peinture de 1919 est pareille à celle de 1914. Les spécialistes restent attachés à leur spécialité, et ce n'est pas moi qui les en blâmerai. Je ne me sens pas le moins du monde indigné parce que M. Pierre Carrier-Belleuse nous offre toujours de charmants pastels de danseuses, que M. Cornon s'intéresse toujours à la préhistoire, que M. Zo reste fidèle à l'Espagne.

L'obstination de certains critiques à engager les artistes à modifier un genre qu'ils ont choisi est assez comique. Est-ce que les peintres leur demandent d'abandonner leur plume de critique, de se mettre à écrire des chroniques sportives ou de petits vers badins ?

Ce qui m'amuse aussi, c'est le ton doctrinal que se plaisent à prendre certains arbitres. Ils réservent, à tel peintre qui leur déplaît, des épithètes qu'on ne devrait appliquer qu'aux coupeurs de bourse. Et quelle infailibilité bouffonne !

C'est surtout en matière de peinture qu'on risque de se tromper. Il y a quelque vingt ans, on était obligé d'organiser un service d'ordre devant les Meissonier, tellement était grande l'affluence de la foule. Aujourd'hui, on n'ose plus faire passer un Meissonier en vente. Manet faisait scandale. Gérôme disait à ses élèves : « N'allez pas voir les œuvres de ce malfaiteur ! » Aujourd'hui, Manet est au Louvre. Il y a des peintres qui assistent, de leur vivant, à la mort de leur renommée, à l'agonie de leur vogue. On en pourrait citer cinq ou six dont les œuvres faisaient, il y a quelques lustres, la gloire du Salon et qui étaient l'honneur des collections. Aujourd'hui, les amateurs qui en possèdent les cachent.

J'écrivais plus haut que le Salon de 1919 ne nous révéla aucune orientation nouvelle. Mais nous avons encore un Salon de guerre. Beaucoup d'artistes, démobilisés depuis peu, n'ont pas eu le temps de travailler ; ils ont exposé des choses d'avant-guerre, ou ils sont restés fidèles à leurs méthodes et à leurs sujets d'avant-guerre. Si un souffle nouveau doit animer l'art français, c'est le Salon de 1920 qui nous le dira.

Les tableaux de guerre — il en est de très beaux — sont moins nombreux qu'on pourrait le croire. Et l'on en verra de moins en moins. Ceux qui ont fait la guerre veulent porter leurs regards sur d'autres spectacles, veulent oublier les visions de sang et d'horreur.

Il y a de très bonnes choses au Salon, mais vous n'y verrez pas l'œuvre qui vous arrachera des cris d'enthousiasme, qui vous donnera le frisson sacré qui vous secoue devant une production de génie.

C'est un Salon de transition, un Salon d'armistice.

On a eu l'excellente idée d'organiser une exposition des œuvres de Lemordant, aveugle de guerre.

Quelle tristesse de penser que l'artiste qui a peint ces robustes vues de Bretagne, campé ces personnages si vivants, distribué cette lumière si juste et si frémissante, ne peut plus se servir de son pinceau !

Arrêtez-vous devant les portraits du roi et de la reine des Belges, par Besnard le magicien ; devant *la Berger* et *la Sagesse*, de Lévy-Dhurmer, d'un coloris si savoureux et si caressant, d'une pensée si profonde ; devant *les Hommes rouges*, d'une si magnifique facture, de Jean-Paul Laurens ; devant le beau portrait que Pierre Laurens a fait de son père, d'une vie si miraculeuse et d'un dessin si ferme ; devant *les Vainqueurs*, de Leroux, une théorie de poilus dans une gamme pourpre, qui s'en revient du champ de carnage en loques, à demi nus, mais pleins de fierté et de force ; devant *les Troupes écossaises revenant du combat*, de Flameng, d'un style si vigoureux ; devant *la Victoire*, de Lenoir, d'une si fière allure.

Il y a beaucoup de portraits, et beaucoup de bons portraits : le *Castelnuovo* de Jonas, les vigoureux portraits de Bonnat, ceux de Flameng, de Friant ; le charmant portrait de jeune fille de Mme Wahl-Fontaine, l'exquise miniature de Mlle Marcelle Yrven par Mme Rouille Perrin, et tant d'autres...

Mais, hélas ! on ne peut tout citer.

Et que d'œuvres charmantes il faudrait mentionner, avec Abel Boyé, Calbet, Gabriel de Cool, Henri Montassier, Maroniez, Clément, Chigot, Cayron, J. Cavé, Henri Martin, Maillaué !...

Dans la sculpture, signalons *la Source*, de Desbois, si simple et si vivante ; *les Vainqueurs*, d'Alfred Boucher ; les bustes de Marcel-Jacques ; le beau groupe si puissant, si bien venu, de Georges Gardet, *le Tigre vainqueur de l'Aigle* ; le gracieux *Premier Mat* de Maurice Cottlob, une marchande de muguet campée avec une justesse et une vigueur remarquables ; *la Mort de l'Aigle*, de Perrault-Harry ; le délicieux *Chat au Papillon* de Mme Van Rozen.

GASTON DERYS.



A. BOYÉ. "Sara la Baigneuse"



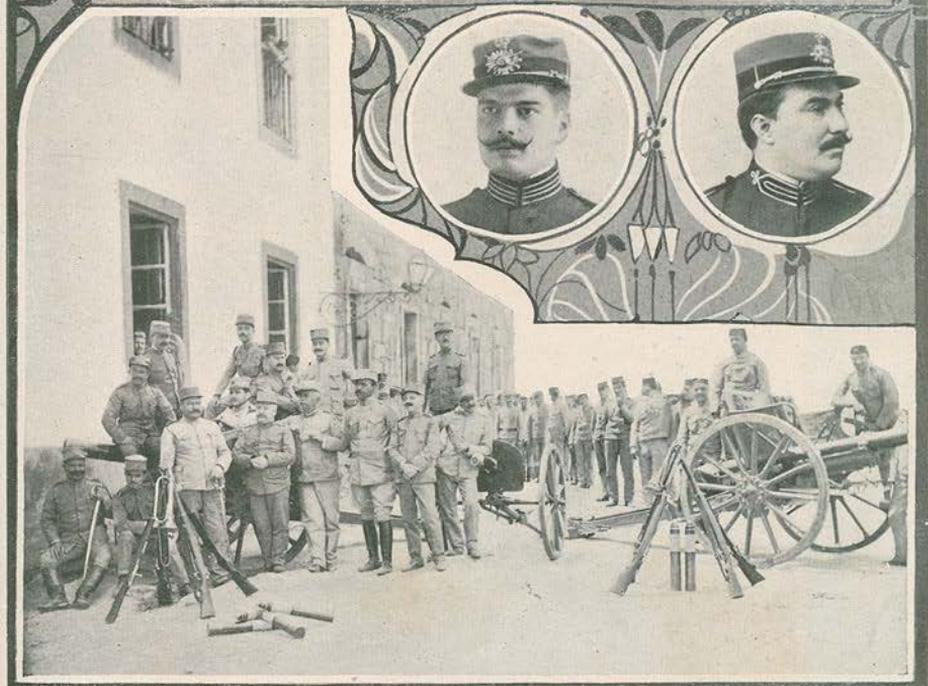
MAX CLÉMENT. "Petites bretonnes"



1, 2, 3, 4 e 6—Soldados de Paiva Couceiro. 5—O segundanista de teologia Avelino Teixeira d'Andrade, do exercito de Couceiro.
7—Os padres do exercito couceirista—(Fot. tirada em Tuy)



Os membros do Tribunal Marcial de Cabeceiras de Basto
 1—Capitão Gama Lobo, promotor, 2—Major José Vitorino da Fonseca, presidente do Tribunal, 3—Capitão Caiado de Souza, defensor officioso, 4—Alferes Kol Alvarenga, 5—Alferes Luiz d'Oliveira, 6—Alferes Sá Nogueira, 7—Alferes Pereira do Carmo, jurados, 8—Capitão Jorge Mamede, de infantaria 2, um dos officiaes encarregados de organizar os processos dos conspiradores de Lisboa, 9—Alferes de infantaria 3, Virgílio Simões, que foi a Arco de Baulhe em perseguição dos conspiradores.



Grupo de officiaes em serviço de vigilancia na fronteira da Beira Baixa (Penamacôr)
 1.º plano, sentados: Tenente Pereira, caval. 8 e aspirante a oficial Barbosa, inf. 21. De pé: Alferes Timoteo, Guarda Fiscal; alferes Bargão, inf. 21; major Pass's, inf. 21; alferes Delgado, art. 8; capitão F. Moutinho e capitão M. Moutinho, inf. 21. 2.º plano: capitão veterinário Beja; tenente Bexiga, inf. 21; alferes Ferraz, tenente Oliveira, inf. 21; tenente Fabião e alferes Cruz, metralhadoras 7; alferes Fontes, inf. 21.



O JULGAMENTO DE D. JOÃO D'ALMEIDA

1—Os membros do tribunal durante o julgamento. 2—D. João d'Almeida. 3—O presidente, o auditor e os outros membros do tribunal durante o julgamento. 4—A assistência



1—Durante o julgamento: o povo na praça de Chaves. 2—O gradão do carcere de D. João d'Almeida, no rez do chão do Albergue dos duques de Bragança, convertido em calabouço de infantaria. 3—Forças de serviço de vigilância nas imediações do tribunal, no dia da audiência de D. João d'Almeida. (Clichés enviados pelo dedicado correspondente do «Seculo» e da «Ilustração» sr. Nicolau de Mesquita)



1—A' porta do tribunal em Chaves: esperando a passagem de D. João d'Almeida.

D. João d'Almeida compareceu diante do tribunal marcial de Chaves em 29 de julho e, interroga-

do acerca dos delitos de conjura e assassinio de que era acusado, respondeu textualmente:

«Só por consideração para com v. ex.^a eu respondo á pergunta que me é feita: Não considero por fórma alguma crime o que pratiquei, visto que o paiz está fóra do direito das gentes e eu por isso não reconheço nem posso reconhecer as suas leis.»

Depois da accusação feita pelo sr. Viana d'Andrade e da defeza officiosa pelo capitão sr. Modesto Barreto, o réu foi condenado em 6 anos de prisão celular seguidos de dez de degredo ou na alternativa de 20 de degredo e conduzido ao



2—D. João d'Almeida diante do tribunal.

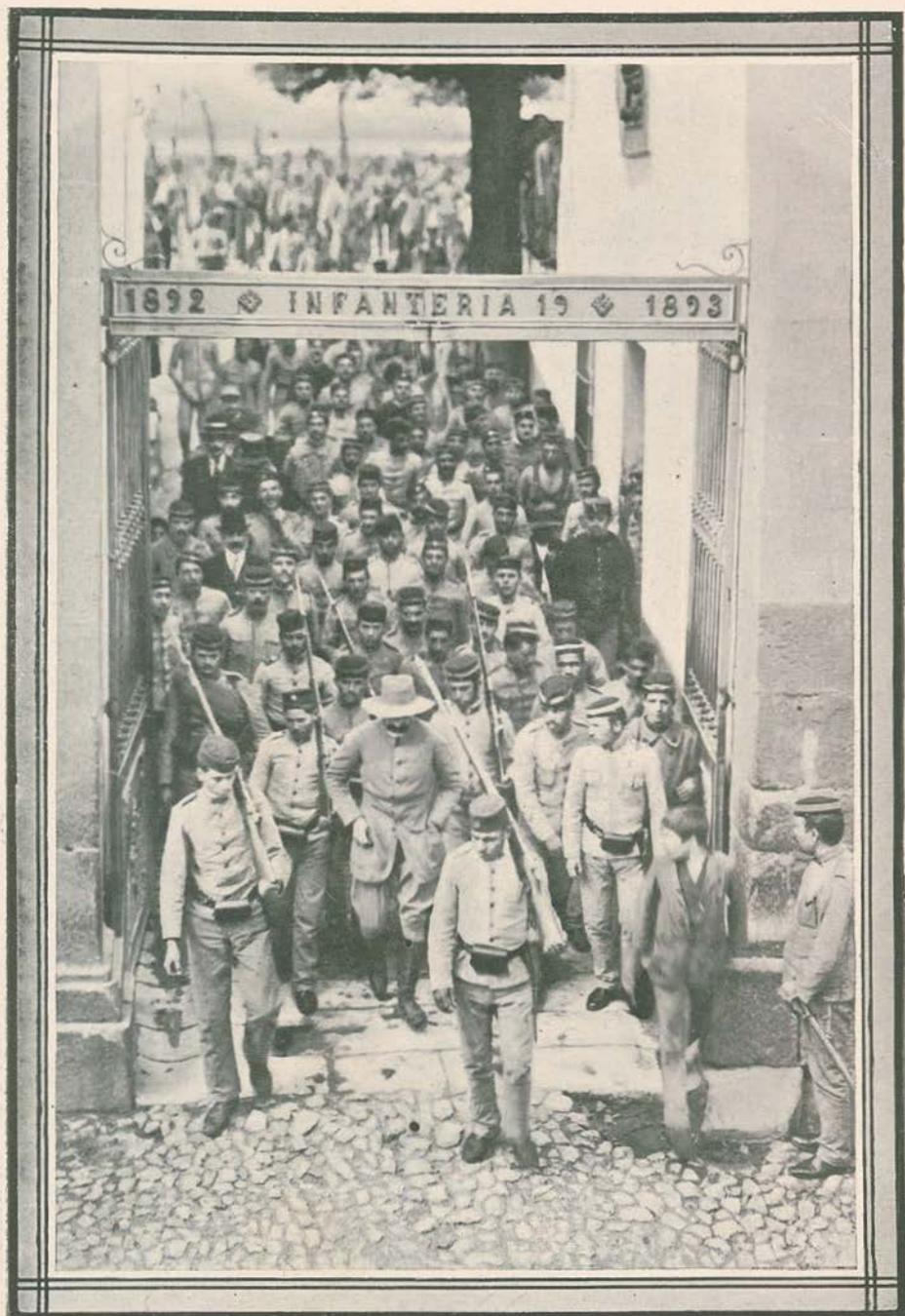
3—Depois da condenação: D. João d'Almeida levado para o carcere.



carcere d'onde, de noite, o levaram em automovel para o Porto, embarcando para o «Cabo Verde» onde ficou, começando desde já a cumprir a pena em que foi condenado.



Inquirição de testemunhas. 2.—A leitura da sentença que condenou D. João d'Almeida em 6 anos de prisão celular seguidos de 10 de degredo ou na alternativa em 20 anos de degredo.



D. João d'A Almeida saindo do tribunal de Chaves depois de condenado.

Entre os emigrados portugueses realistas avultam alguns que conseguiram mesmo celebri-

nos jornaes, estando entre eles os irmãos Maías, um dos quaes, Guilherme, foi administrador



Os membros do tribunal que julgou D. João d'Almeida.

1—Alferes João Coelho Telxeira, jurado. 2—Capitão Modesto Barreto, defensor officioso. 3—José Carrazedo de Souza Caldas Viana e Andrade, promotor. 4—Alferes Artur Almeida Carvahho, jurado.



5—Alferes d'Oliveira Marreca, jurado. 6—Alferes Mário Santos Saldanha, jurado. 7—Alferes Artur Almeida Carvahho, jurado.

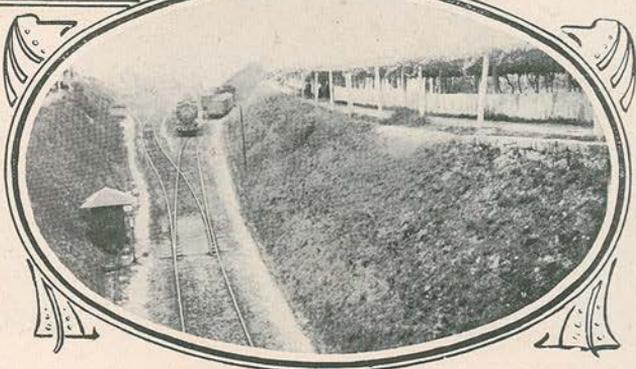
dê Alcochete no tempo do antigo regimen e agora um dos incursores de Valença, na coluna de Sepulveda.

Publicamos com o seu retrato o de seu irmão, o d'Homem Cristo e o d'Almeida Garret que teve um cargo de confiança no exercito de Paiva Couceiro, arquivando assim mais alguns



8—Paragem obrigatoria dos couceiristas em Verin. 9—A linha do caminho de ferro de Valença, que foi tomada pela gente de Sepulveda.

sar-se em Hespanha como o panfletario Homem Cristo e seu filho, que tem percorrido alguns paizes, delegado pelo comité monarchico. Officiaes que deixaram o exercito da Republica pela aventura, alguns individuos da sociedade, á mistura com ex-policias e ex-municipaes, tambem são conhecidos no paiz visinho e os seus nomes teem figurado



curiosos documentos para a história da invasão, terminada pelo combate de Chaves em que tão grande vitória coube às tropas republicanas.



1—O tenente da coluna Souza Dias Benito Ferreira Garrette, o pamphletario Homem Cristo pae O. Os irmãos Guilherme Maia e Adolfo Maia, os que fizeram a incursão com a coluna de Sepulveda, por Valença. 2—O ex-policia Marujinho que matou em Alcantara um guarda municipal que andava de ronda e foi julgado por ele um espiao do palacio das Necessidades e que comandou agora um grupo de trinta homens contra as tropas republicanas.



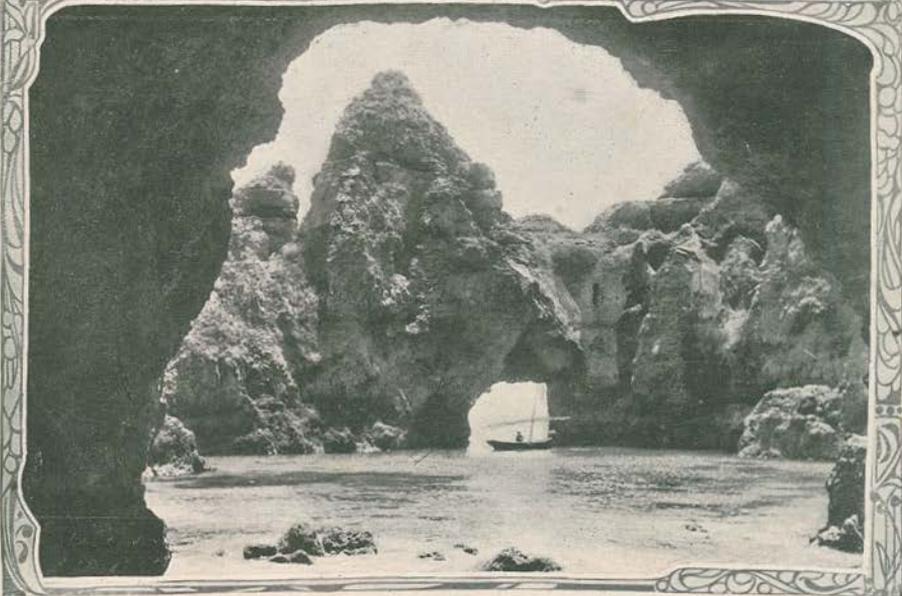
3—O tenente Guilherme Maia O. da coluna de Sepulveda que atacou Valença, rodeado por alguns realistas. (Grupo tirado em Madrid quando iam para Cuenca onde foram internados)

O FUTURO DE LAGOS



1—Rochas na baía, proximidades do lugar onde se projeta fazer o hotel turismo. 2—A última esquerda a igreja que esteve na baía de Lagos, ao levantar o ferro. 3—Rochas que formam a sala na Ponta da Piedade, também perto do local destinado ao hotel turismo.

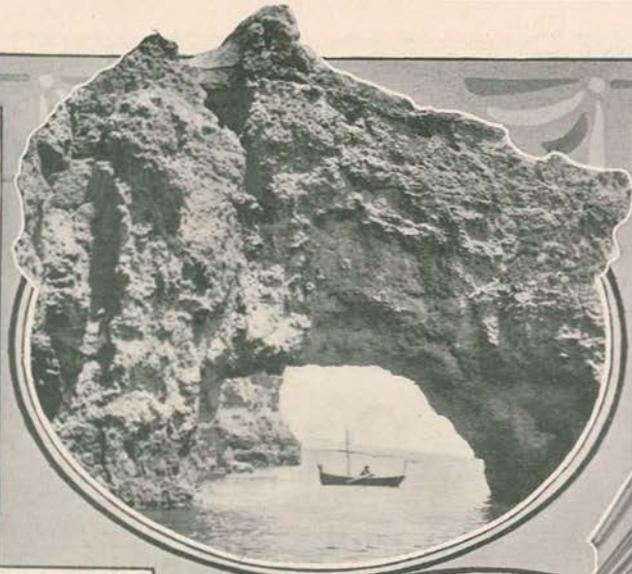
A indústria do turismo, que tanto tem contribuído para a prosperidade d'outros paizes, vae tomando em Portugal e especialmente em Lagos um grande incremento, pois que á porfia se trabalha para aproveitar as ótimas condições naturaes



d'esta encantadora região, infelizmente pouco conhecida entre os portugueses e que poderá, depois de executado o racional plano de melhoramentos, rivalisar com os mais afamados centros de turismo.

A sua situação geográfica, que a torna ocaes da Europa e o entreposto da America, pois que sem duvida é a primeira terra europeia que os americanos vindo do Panamá avistam, a amenidade do seu clima, a fertilidade do seu solo, a riqueza piscatoria das suas aguas e os variados e esplendidos panoramas que se disfrutam, quer dos seus montes, quer das suas rochas, que confinam com as areias doiradas das suas praias de beleza sem rival, não falando na sua baía, são condições bastantes para drem, aee que se empenharem pelo grandioso plano de transformações a executar n'esta região, a certeza absoluta de que todos os esforços empregados n'este sentido serão coroados de ótimo exito. A fraços largos indicaremos alguns dos pontos capitaes

do plano referido. A construção de um hotel luxuoso, na Trindade, ponto este d'onde se observa toda a baía desde o cabo Carvoeiro até á ponta da Piedade, onde aggra se está a construir um grande farol de tora-



1—Ponta da Piedade: entrada para a sala. 2—Alguns banhistas na praia da Luz. 3—Rochas da baía. 4—Excursionistas nos rochedos.



raes, fazendo com que as comunicações se façam tan'o na preamar como na baixa-mar o que será facil com a abertura de pequenos tuneis, que completem o que a Natureza com tanto esplendor criou.

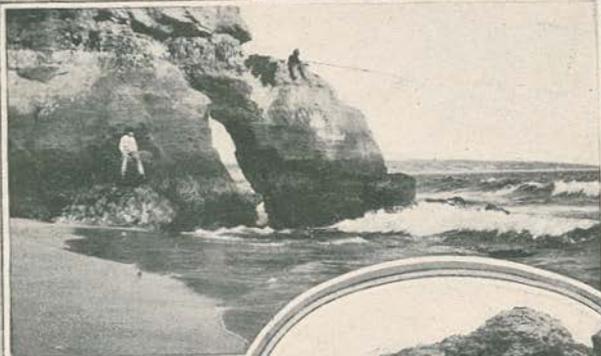
ção, e do lado de terra a ria de Benfrim, a cidade e os seus arredores, que se estendem até aos confins d'um horizonte vastissimo, tendo ao fundo a seira de Monchique que abriga dos ventos do quadrante norte o jardim esmeradamente tratado, como é todo o Algarve e especialmente esta região de barlavento. Desde o ponto onde se projeta construir o hotel, seguem-se praias onde os caprichosos recortes



1—Quinta da Trindade junto á qual se projeta construir o grande hotel do turismo. 2—Lagos: Vista parcial. 3—Tripulação d'um galeão na baía de Lagos

das suas rochas, com as suas grutas lendarias, deverão constituir um passeio dos mais encantadores, quando a mão do homem aproveitar estas ótimas condições natu-

Os terrenos que dominam estas rochas prestam-se a belos parques e avenidas, pois que, apenas seja canalizada para esta cidade a agua da abundante nascente



do Paúl, cessará a sua falta n'estes lindos planaltos.

Na baía, onde teem fundeado as maiores esquadras, podem fundear grandes transatlânticos, sendo necessario que para comodidade do desembarque se façam as obras precisas e para as quaes já apresentaram projetos duas grandes companhias.

Para a iluminação elétrica, caminho de ferro e outros melhoramentos lançou a camara um pequeno imposto sobre a exportação, o qual já foi aprova-

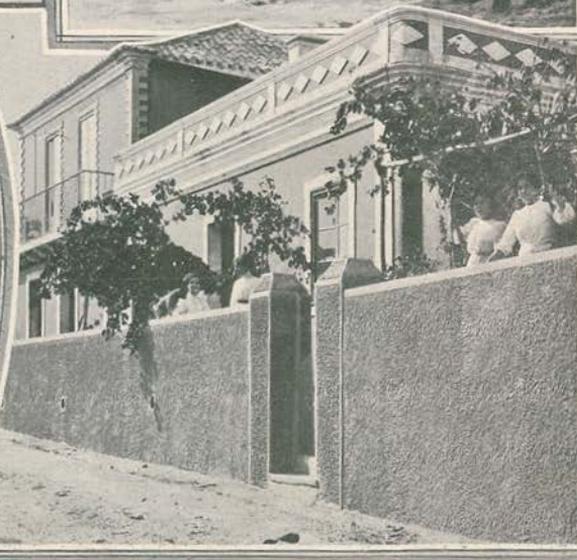


do no Congresso Nacional, tendo sido bem aceite por todos os habitantes, devido ao fim util a que é destinado.

Depois d'estes projetos executados, Lagos será sem duvida a mais bela estação de inverno de Portugal, pois que as suas belezas concorrem para a sua transformação n'uma cidade de luxo e prazer, livre dos frios e neveiros, rarissimos aqui, não sendo fóra do vulgar verem-se em pleno inverno dias d'um azul sem mancha, engalanados por flôres de amendoeira que o sol se encarrega de doirar.

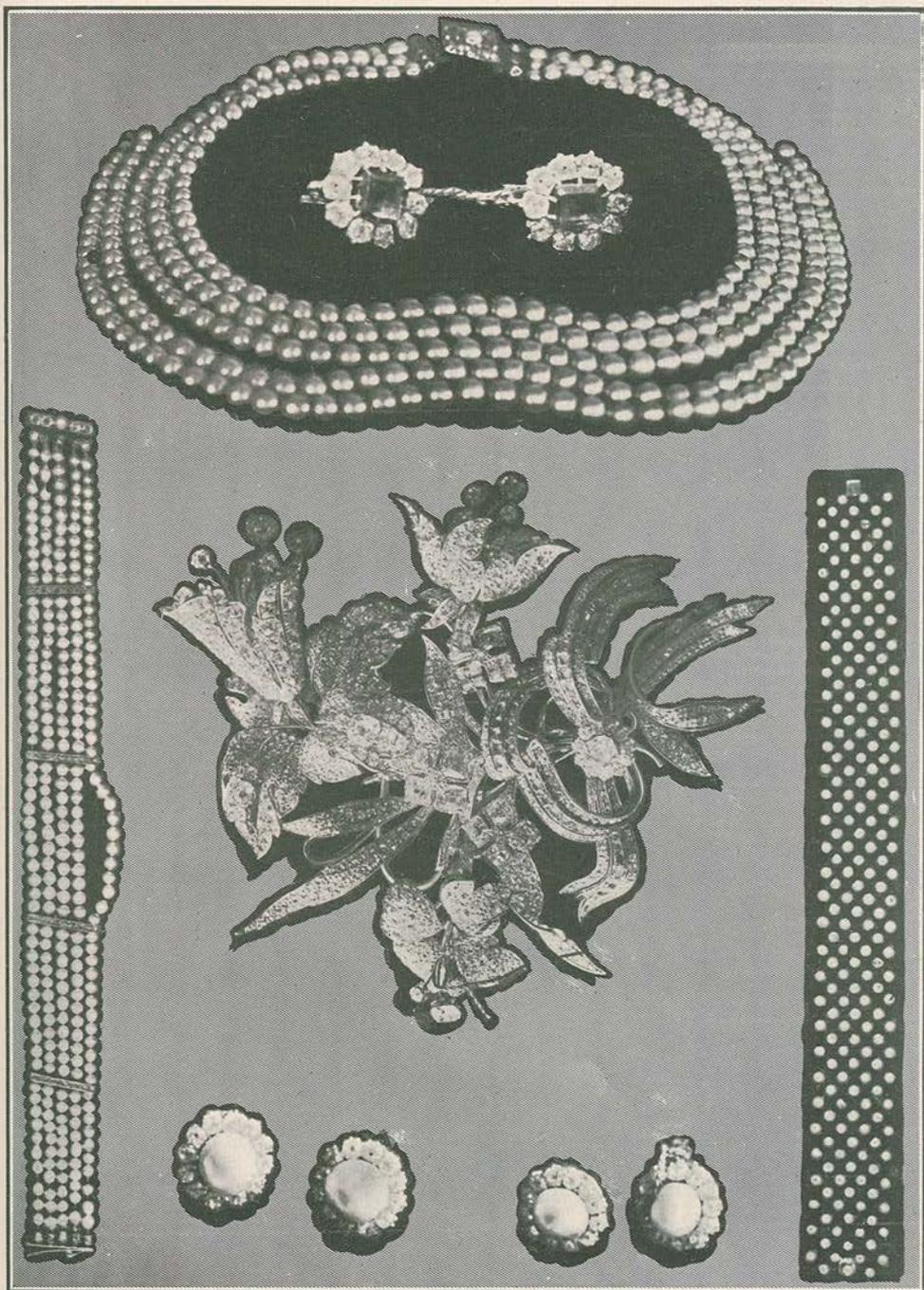
Lagos, 25-7-912.

V. A.

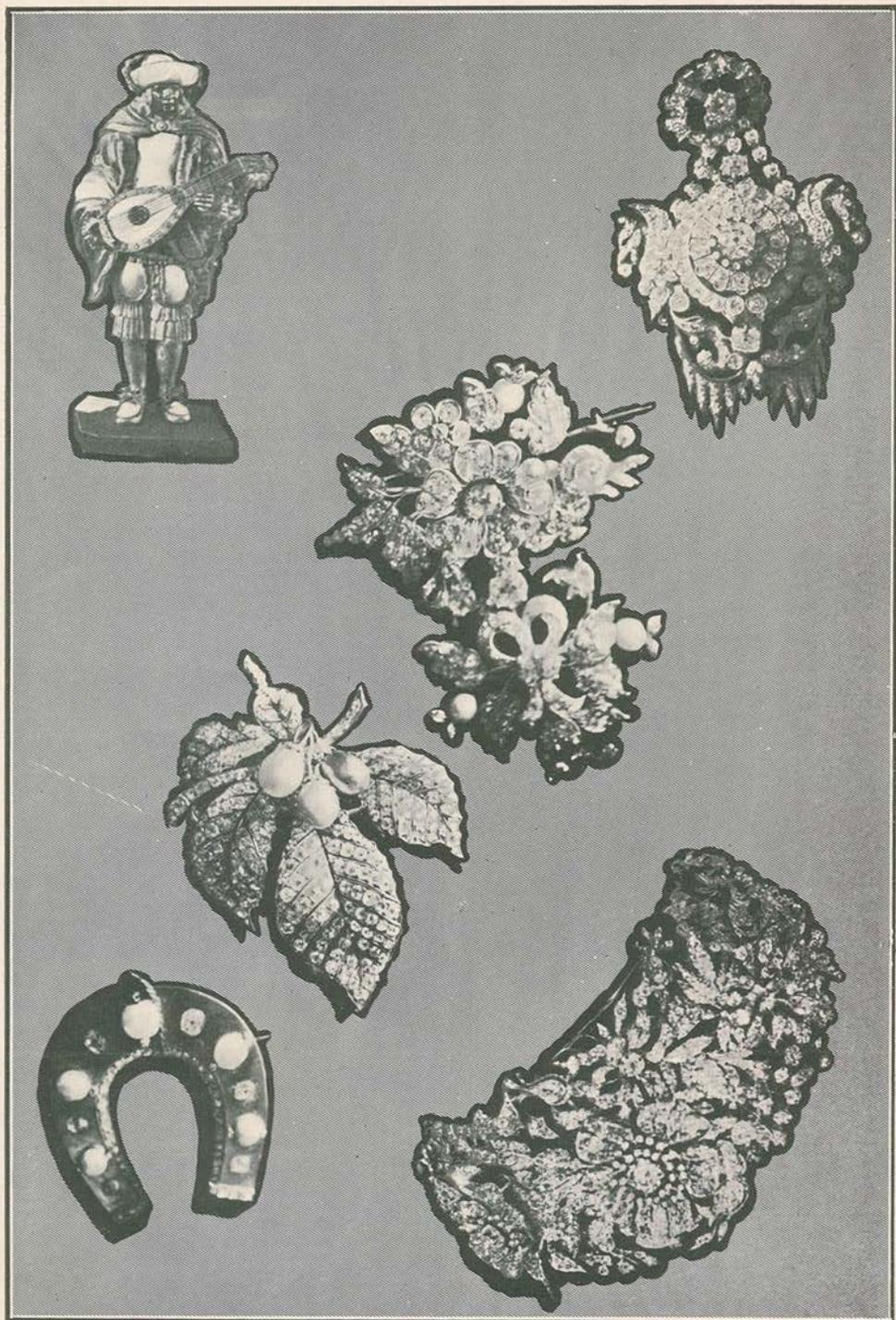


1—Outros rochedos na baía. 2—Outro aspecto dos rochedos. 3—Praia da Luz: á espera do peixe. 4—Os rochedos da baía, perto do lugar onde se projeta fazer o hotel do turismo. 5—Praia da Luz: a residencia do sr. Antonio C. Santos.
 (Todos os clichés d'este artigo e muitos outros, que o espaço não nos permite aproveitar, foram enviados á «Ilustração» pelo distinto fotografador sr. Antonio C. dos Santos, de Lagos, um dos mais devotados propugnadores do futuro da cidade algarvia)

As joias de V. Maria Pia de Saboia vendidas em leilão



1—Riquíssimo colar de cinco fios de perolas reunidas por um fecho quadrado com oito brilhantes e uma perola. 2—Brinco de brilhantes. 3—Gargantilha em ouro pontada de perolas e brilhantes. 3—Grande broche representando um ramo de flores e folhagem ligadas por uma fita de saíras e brilhantes e de brilhantes guarnecida. 4—Gargantilha formada por cinco fios perolas reunidas por quatro abraçadeiras em rosas e flores, brilhantes e perolas. 5—Broches de perolas cinzentas rodeados de brilhantes.



1—Guitarista parte em prata e parte em madre perola, a cara de pedra dura. 2—Broche de joalheria em brilhantes (Dragões)
 3—Grande broche de ramagens, folhagem e flores cravejadas de brilhantes seis botões formados por perolas brancas. 4—Broche
 com cinco folhas em brilhantes e perolas brancas rosas e pretas. 5—Grande broche ferradura em ouro, cravejado de perolas e
 brilhantes orlado também de brilhantes. 6—Grande diadema formado de ramagens, folhas flores, botões em brilhantes e rosas.
 (Cliches de Benoitel)



FIGURAS E FACTOS



1—O incendio de Lamego: A casa da rua de Traz da se onde principiou o incendio e a casa da rua Direita onde rebentaram os petardos e de onde o fogo se comunicou.

(Cliché do sr. Antonio Gomes Mourão)
2—Sr. dr. Antonio Emilio Guerreiro d'Ascensão, um dos colaboradores da fundação do «seculo» falecido em 22 de julho.

3—Dr. Edmundo Gorjão, falecido no Tribunal da Boa Hora, em 23 de julho.



Pedreiras do Monte Bonito, que dista 3 leguas da cidade de Pelotas (sul do Brazil). Estas pedreiras estão sendo exploradas pela companhia franceza que tem contrato para a abertura da barra do Rio Grande do Sul, essa obra grandiosa, para a qual a pe-

As pessoas que se vêem são compatriotas nossos que se reuniram em alegre convívio, e devemos



dra é conduzida por um ramal de caminho de ferro expressamente construído para esse fim.

as fotografias á amabilidade do sr. Osorio d'Oliveira Tavares.



1—O Grupo dos 5. Excursionistas portuenses que foram ao Bussaco: Os excursionistas na Cruz Alta. 2—O grande Hotel do Bussaco visto da Cruz Alta. 3—Um passeio dos excursionistas. (Clichés de Alvaro Martins)

LÍRIOS

ROXOS

Poesia extraída do LUAR D'OUTONO do mi-
moso poeta Arnaldo Forte

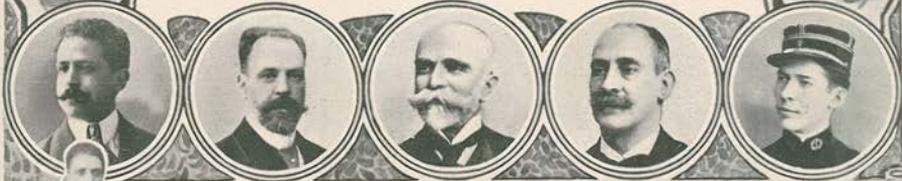
Senhora, o roxo é lindo, é lindo embora triste.
O lírio é muito lindo e vêde, é roxo o lírio.
Cór roxa é solidão, e nella sempre existe
Alivio para a dôr, consolo p'ró martírio.

Cór roxa quer dizer — Saudade, Escuridão.
A violeta é roxa, é triste, e a verbena
E' roxa como a dôr que rasga um coração,
E' triste como é triste a tarde de novena!

E por sêr triste, o roxo, eu gosto de o vêr!
O roxo é 'scuro, é 'scura a tréva, a dôr 'infinda
O sol tambem tem roxo às vezes ao morrer...
Até a morte é roxa, e por ser roxa é linda!

A comissão das colonias marítimas de Férias na Figueira da Foz,
para creanças pobres de Coimbra:

2—Dr. José Cipriano Diniz, presidente. 3—Dr. Daniel de Matos,
presidente honorário. 4—Dr. Bernardino Machado, iniciador da
colônia. 5—Dr. José Augusto Simões, vice-presidente. 6—Dr. José da
Silva Neves, secretario.



7—Um turno de creanças beneficiadas com o seu diretor sr. José Antonio Domingos.



Ha muito que em Lisboa não havia um tão horrivel incendio. Desde o da rua da Madalena que vitimou tanta gente e foi discutido durante mezes que o fogo não causava tão apavorante tragedia. N'uma das ruas da Mouraria—o beco dos Tres Engenhos—morava uma vendeira de rutas que tinha dois pequeninos os quaes ficavam fechados em casa enquanto a mãe ia á sua faina. Já ha tempo elas tinham lançado fogo a um movel, mas a pobre mulher não as podendo trazer consigo via-se obrigada a continuar a

1—O incendio do beco dos Tres Engenhos, na Mouraria: Aspecto do ataque ao fogo. 2—A mãe dos pequenitos que foram victimas do incendio, no auge do desespero. 3—Um exemplo de longevidade: Maria da Saude Lopes, que tem 109 anos



deixas em casa. Quando estava fazendo a sua venda na Ribeira Velha vieram dizer-lhe que tinha fogo em casa, pelo caminho ouviu que duas creanças estavam mortas no fogo e quando chegou viu os cadaveres das pequenitas verdadeiramente carbonizados.

Elas tinham pegado fogo ás camas e como as janelas estavam fechadas, caíram pela asfixia e as chamas consumiram-nas. O desespero da pobre mulher, os seus gritos lancinantes, as suas queixas soluçadas impressionaram profundamente o bairro onde se deu esta tragedia de que as pequenitas foram victimas.

O novo diretor geral do ministerio da guerra.— É o general sr. Ferreira de Castro cuja carreira militar é das mais brilhantes. Foi comandante do regimento de engenharia onde prestou os mais relevantes serviços e a sua ação como verdadeiro liberal marca-se d'uma maneira evidente na fórmula porque exerceu o cargo de grão-mestre da Maçonaria Portuguesa durante muito tempo, dirigindo no sentido da maior propaganda anti-religiosa a poderosa associação. Não podia ser melhor escolhido um oficial para o difficil logar de diretor geral do ministerio da guerra que o general Ferreira de Castro desempenhará á altura do seu talento e da sua proficiencia militar.



General Ferreira de Castro, novo diretor geral do ministerio da guerra



O incendio na Escola de Torpedos de Vale do Zebro



Um violento incendio consumiu parte da escola de torpedos em Vale do Zebro, causando perdas no valor de uma centena de contos e alarmando a cida-

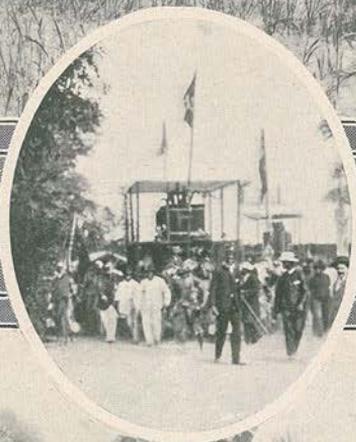


de. Os primeiros socorros foram prestados denodadamente pelos marinheiros ali de serviço, sob a direção dos seus officaes.



1—Um aspecto do incendio. 2—Bomba da escola de torpedos com que se iniciou a extincção do incendio. 3—O ministro da marinha e major general da armada, analisando os destroços.—(Clichés de Benoitte)

O ENTERRO DO SOBA FRANQUE EM CABINDA



1—O cortejo a caminho do cemitério. 2—Outro aspéto do cortejo. 3—Homenagem ao morto: a dança dos guerreiros.
(Clichés do sr. José Soares Pinto)